

RELATÓRIO FINAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

MODALIDADE			
<input type="checkbox"/> PIBIC / CNPq	<input type="checkbox"/> PIBIC-Af / CNPq	<input type="checkbox"/> PIBITI / CNPq	<input type="checkbox"/> PIBITI / CNPq / FUNTTEL
<input checked="" type="checkbox"/> PIBIC / UFSJ	<input type="checkbox"/> PIBIC-Júnior	<input type="checkbox"/> PIIC	<input type="checkbox"/> PIBIC / FAPEMIG
<input type="checkbox"/> PPC			

1 – Aluno

NOME: Rafael Augusto Gomes

2 – Projeto em que o aluno desenvolveu suas atividades

TÍTULO DO PROJETO: REPRESENTAÇÃO DAS SOCIEDADES INDÍGENAS NAS OBRAS DE SAINT-HILAIRE

ORIENTADOR: Luiz Francisco Albuquerque de Miranda

CAMPUS / DEPARTAM: CDB/DECIS

INÍCIO: 01/08/2014

TÉRMINO: 01/07/2015

3 – Objetivos propostos no Plano de Trabalho (Máximo 15 linhas)

Estudar as representações dos indígenas presentes nos relatos de viagem do naturalista francês Saint-Hilaire, que percorreu o interior da América portuguesa entre 1816 e 1822. A seguir, as questões propostas pela pesquisa: Os nativos eram passíveis de aperfeiçoamento, isto é, poderiam adotar a vida civilizada e contribuir com o progresso da sociedade brasileira e da humanidade? Em que medida o naturalista “transculturou” elementos das culturas americanas (indígenas e coloniais) para seus relatos? Enfim, como ele caracterizou as sociedades indígenas e projetou o seu futuro?

4 – Atividades desenvolvidas pelo aluno (Máximo 30 linhas)

Coube ao aluno bolsista, na primeira etapa, realizar um levantamento bibliográfico a respeito de livros e artigos científicos que tratam de Saint-Hilaire e das viagens científicas na passagem do século XVIII para o XIX. O professor orientador também indicou algumas obras fundamentais que o bolsista leu ao longo da pesquisa.

O aluno leu atentamente diversos relatos de viagem de obras de Saint-Hilaire (cf. “Referências bibliográficas” do Relatório Final), identificando todas as passagens em que o naturalista oferecia informações ou apresentava comentários a respeito dos indígenas brasileiros, produzindo, junto com o orientador, um fichário que indicou com precisão onde se encontrava cada passagem. Paralelamente, o professor orientador e o bolsista selecionaram, entre os trabalhos levantados, aqueles que serviriam de bibliografia de apoio, cabendo ao bolsista ler o material selecionado e

redigir resumos.

Depois das atividades mencionadas, o bolsista interpretou as passagens selecionadas, recorrendo à bibliografia de apoio e buscando realizar uma leitura crítica dos relatos de Saint-Hilaire.

Em todas essas fases, ocorreram encontros periódicos entre o bolsista e o orientador nos quais o primeiro apresentou sua produção.

5 – Produção bibliográfica gerada pelo projeto, com a participação do bolsista(*)

Quantificar.

Trabalhos apresentados em eventos técnico-científicos

Artigos publicados em revistas especializadas

Relatórios/notas técnicas

Outra (especificar)

Listar com referência bibliográfica completa e incluir cópia (campo ilimitado).

(*) Trabalhos individuais ou em cooperação, submetidos e/ou publicados.

6 – Participações em Eventos

NOME DO EVENTO	DATA	APRESENTOU TRABALHO?
		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

7 – No geral, em termos de sua capacitação, amadurecimento e crescimento profissional, como você avalia as atividades desenvolvidas? (A ser respondido pelo bolsista) (Máximo 10 linhas)

A iniciação científica, enquanto instrumento de capacitação, habilitou-me a ingressar em projetos mais amplos, como mestrado, por exemplo; além disso, ela me estimulou a resolver problemas mais auspiciosos, problemas esses que poderão ser tratados com mais cuidados em outra oportunidade. Profissionalmente amadureci bastante, e, através do exercício da pesquisa, pude aplicar pela primeira vez os conhecimentos adquiridos (em relação à investigação histórica) ao longo do curso, além de me aproximar de outros. Por fim, em relação ao meu crescimento profissional, posso dizer que a iniciação científica cumpriu um de seus (ou o principal de seus) propósitos: apresentar um pesquisador aos desafios da pesquisa. Durante o processo julgo que cresci bastante. Consegui, na medida do possível e com a ajuda do professor orientador, superar os problemas propostos pela pesquisa, além de descobrir outros, que poderei tratar mais tarde.

8 – Ganhos obtidos pelo aluno. (A ser respondido pelo orientador) (Máximo 10 linhas)

APRECIE OS PROGRESSOS OBTIDOS PELO ALUNO, TENDO EM VISTA SUA FORMAÇÃO / CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL.

Acredito que o bolsista apresentou considerável evolução e, em linhas gerais, compreendeu o tratamento que se deve dispensar às fontes. Foi capaz de propor uma organização das mesmas e

recorrer à bibliografia de apoio para interpretá-las. Sendo assim, está em condições de elaborar projetos que possibilitem o prosseguimento de sua vida acadêmica.

9 – Descrição dos impactos tecnológicos. (somente para bolsistas PIBITI/FUNTEL) (Máximo 10 linhas)

DESCREVER AS PRINCIPAIS APLICAÇÕES TECNOLÓGICAS QUE RESULTARAM OU PODERÃO RESULTAR DA CONTINUAÇÃO DO PRESENTE PROJETO.

10 - Anexar relatório de pesquisa do projeto de Iniciação Científica (a ser redigido pelo aluno, sob orientação do orientador) com no mínimo 5 (cinco) e no máximo 20 (vinte) páginas (fonte *Arial* ou *Times New Roman* 12, espaçamento 1,5 e margens 2cm), escrito em redação científica, contendo obrigatoriamente: Título (em letras maiúsculas, em negrito e centralizado na página); autoria (aluno de IC e orientador, com citação ao curso/unidade administrativa de vinculação de ambos, alinhados à direita); Resumo; Introdução (descrição do assunto estudado, fundamentado em revisão bibliográfica); outras seções (distribuídas de acordo com a natureza e as especificidades da área, contendo a descrição dos métodos utilizados no desenvolvimento do trabalho, apresentação e discussão dos resultados obtidos); Conclusão, Agradecimentos e Referências Bibliográficas. Os títulos das seções também deverão estar em maiúsculas, negrito e alinhados à esquerda.

11 – Avaliação do relatório de pesquisa (A ser respondido pelo orientador)

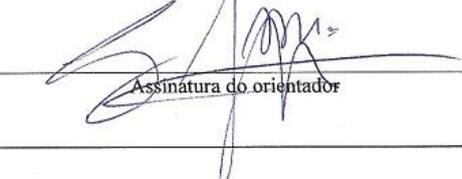
DESTAQUE OS PONTOS FORTES E FRACOS DO RELATÓRIO DE PESQUISA ELABORADO PELO ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Parece-me um relatório de pesquisa que não se limita a reproduzir o material levantado e tentou interpretar as representações do viajante. Recorreu a conceitos pertinentes nessa operação e identificou o "projeto" do viajante para a integração dos indígenas à "sociedade civilizada". Para tanto, levantou uma boa quantidade de passagens e identificou o contexto histórico em que elas foram produzidas. Certamente, os conceitos utilizados nessa operação de interpretação podem ser aperfeiçoados. Uma comparação com outros viajantes possibilitaria melhorar a compreensão do contexto histórico em questão, mas considero muito bom o resultado final da pesquisa.

12 – Data e assinaturas

São João del Rei, 06 de agosto de 2015.


Assinatura do aluno


Assinatura do orientador

REPRESENTAÇÕES DAS SOCIEDADES INDÍGENAS NAS OBRAS DE SAINT-HILAIRE

Rafael Augusto Gomes – Curso de História – UFSJ (Bolsista)
Luiz Francisco Albuquerque de Miranda – DECIS – UFSJ (Orientador)

RESUMO

A pesquisa se propõe a analisar as representações indígenas presentes nos relatos de viagem do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire. Estes relatos, produzidos pelo autor na primeira metade do século XIX, encontram-se num contexto em que a concepção europeia de “humanidade” foi profundamente modificada, principalmente pela forma como europeu passou a enxergar e se relacionar com o restante do mundo. Em momento de rearranjo das sociedades ocidentais, os “homens de letras” orientavam-se pelos princípios da Ilustração. Dentre estes, destaco a razão, que se manifestaria na vida civilizada por meio do trabalho e da moral. Nesta pesquisa investigo a forma como o indígena americano foi alvo desse novo olhar que, configurando um projeto civilizador, pretendeu a incorporação dos ameríndios à “humanidade”.

1. INTRODUÇÃO

Durante o período em que esteve no Brasil (1816-1822), o viajante e naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire coletou e documentou várias amostras de plantas, animais e rochas. Registrou aspectos da fauna, flora e geologia, mas também das complexas relações humanas presentes na América portuguesa, dedicando considerável atenção às sociedades indígenas. Em relação a estas últimas, seus relatos incluem desde comentários aparentemente despreziosos até análises e projeções mais ambiciosas. Seus textos apresentam passagens contraditórias, mas contém um projeto bastante claro: a civilização dos povos indígenas.

Este estudo investiga o projeto civilizador presente nos relatos de viagem de Saint-Hilaire, bem como seus desdobramentos. O projeto do viajante encontra-se fragmentado ao longo de seus textos e pode ser dividido em quatro aspectos: (1) a formulação de representações indígenas; (2) a tutela e o isolamento como estratégias civilizatórias; (3) a verificação da possibilidade de civilização dos índios; (4) a miscigenação como alternativa de resposta ao problema indígena. Este relatório comenta os quatro aspectos. Para tal, me baseio em uma bibliografia diversa. Para entender as influências das relações entre o viajante e os vários grupos coloniais, recorri aos conceitos de Mary Louise Pratt. Beatriz Perrone-Moisés me ajudou a pensar a situação indígena no início do

século XIX. Quanto ao conceito de representação, decisivo para a elaboração da proposta de pesquisa, fundamento-me em algumas indicações de Roger Chartier.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para cumprir os objetivos propostos, o trabalho foi desenvolvido em três etapas: (1) levantamento bibliográfico a respeito de Saint-Hilaire e das representações indígenas formuladas no período e, posteriormente, seleção das obras que seriam efetivamente estudadas; (2) leitura completa das seguintes publicações do autor: *Viagem às nascentes do rio São Francisco*, *Viagem à província de Goiás*, *Viagem à província de São Paulo*, *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*, *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*, identificando todas as passagens em que Saint-Hilaire oferece informações a respeito dos indígenas, produzindo, junto com o orientador, um fichário capaz de indicar com precisão onde se encontra cada passagem recolhida, contendo um resumo de seu conteúdo; (3) produção de uma interpretação das passagens em que Saint-Hilaire aborda as temáticas indígenas. Em todas as etapas realizei encontros periódicos com o orientador para avaliar o material a ser trabalhado.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

3.1.A CONSTRUÇÃO DA “HUMANIDADE”

O projeto de civilização indígena de Saint-Hilaire dialogou com a concepção de “humanidade” da passagem do século XVIII para o XIX. À época, a palavra não definia apenas o conjunto dos seres humanos do planeta. Acima de tudo, foi interpretada como o conjunto de características que definiam – a partir da perspectiva europeia – a própria espécie humana, tais como a razão e a capacidade de se aperfeiçoar.

Com a ascensão e posterior consolidação dos valores da Revolução Francesa e da Ilustração, a razão e a perfectibilidade humanas eram consideradas os pilares de uma sociedade civilizada, e se manifestavam, entre outras formas, por meio do trabalho e da moral. Pensada nesses termos, a “indústria”, no sentido do período, seria o uso efetivo da razão no domínio da natureza, possibilitando que o homem transformasse o mundo. A moral seria a instância pela qual cada ser humano controlava suas paixões e se aperfeiçoava.

O trabalho seria fruto da razão, da capacidade de interpretar e transformar a natureza de maneira programada, não instintiva. O trabalho também ocupava, vale ressaltar, importantíssimo lugar social no período em questão. No raiar do século XIX, quando a sociedade europeia já havia

assimilado várias concepções ilustradas, o trabalho era visto como o que dignificava o homem, o que lhe propiciava os meios para o progresso. Além disso, a atividade produtiva estava intimamente ligada à ideia de previdência, ou seja, à capacidade do indivíduo de projetar o futuro.

Por sua vez, a moral projetava o comportamento ideal para a vida em sociedade. Também era um produto da razão e ela dignificava o homem ao torná-lo autônomo, senhor de si mesmo. Quando a razão controla o comportamento humano, a moral identifica alguns prazeres e nos “aconselha a abandoná-los logo que ameaçam transforma-se em tirania”. Ela reconhece o vício, que “não é outra coisa senão o excesso, o abuso, a má aplicação dos apetites, desses desejos, dessas paixões” (BOLINGBROKE, *Apud*: HAZARD, 1989, p.159). Orientado pela moral, o homem controla suas paixões, uma das características comportamentais mais valorizadas na época, visto que representa a ação consciente e, novamente, não instintiva do homem. Assim, para os ilustrados “a moral, dirigindo as paixões, será o leme, o compasso e o mapa, que permitirão ao homem seguir a rota da felicidade que a natureza lhe indica” (HAZARD, 1989, p. 157).

Assim, enquanto o trabalho era pensado como capaz de controlar a natureza, a moral deveria controlar as paixões humanas. Para a cultura científica do início do século XIX, a civilização só se realizaria com o desenvolvimento desse duplo controle por parte da razão. É o que veremos na obra de Saint-Hilaire.

Os indígenas, para muitos cientistas e pensadores do período, não correspondiam plenamente ao modelo de “humanidade” desenhado pela Ilustração, pois nem sempre assimilavam completamente as formas ocidentais de trabalho regular e a moral cristã. Parto da hipótese que um dos principais aspectos do pensamento filantrópico de Saint-Hilaire é seu projeto de civilizar os ameríndios.

Antes de prosseguir, gostaria de advertir o leitor para um ponto importante da narrativa de Saint-Hilaire. Nosso autor viajou por diferentes regiões do Brasil e entrou em contato com os mais variados povos indígenas, todos eles aldeados e muito distintos entre si. Povos singulares que, ao longo de séculos de colonização, foram definidos por termos genéricos, como “índio”, “selvagem” ou “selvagem americano”, etc. Nomenclaturas que negligenciam a enorme diversidade existente entre eles, algo que, é preciso ser dito, passa quase despercebido para o observador Saint-Hilaire, que perspectiva para todos um projeto único. Tendo isto em mente, devemos seguir adiante.

3.2.O TRABALHO E A MORAL NAS REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS DE SAINT-HILAIRE

Na passagem do século XVIII para o XIX, o indígena permanecia ameaçado pelo avanço da colonização, que o explorava e/ou o eliminava. No Brasil, Saint-Hilaire pensou que essa ameaça só

poderia ser evitada com a adoção de parâmetros civilizatórios mais racionais, pois, frágil e imprevidente, o índio não conseguiria se desenvolver sozinho e deveria ser protegido pelos filantropos. Mas, para tal, fazia-se necessário conhecer quem se queria proteger. Vejamos então o que nosso autor escreveu sobre os índios americanos.

Para Saint-Hilaire, o índio aparece pouco propenso à atividade produtiva, principalmente por ser imprevidente. A despreocupação indígena em relação ao futuro é um elemento fundamental para o autor, pois torna o indígena pouco ativo e, por conseguinte, indisposto ao trabalho regular. Essa característica é relatada pelo viajante ao se referir aos índios de Vitória, no Espírito Santo. Lá, os nativos viviam “sempre no presente, sem ter paciência de esperar, querendo colher à tarde os frutos do labor do dia”, e por isto preferiam os serviços que não necessitavam de grande dedicação, como a pescaria (SAINT-HILAIRE, 1974 A, p. 70).

O índio também é relatado por Saint-Hilaire como muito pouco moralizado. Apesar de alguns grupos possuírem algumas características “cristãs”, como os botocudos que não casavam com familiares (SAINT-HILAIRE, 1975 B, p. 256) ou o caso da “virtude tocante” do “amor dos pais e mães pelos filhos” machaculis (SAINT-HILAIRE, 1975 B, p.273), a maioria dos relatos sobre a moral indígena condenava seu comportamento. A voracidade dos botocudos (SAINT-HILAIRE, 1975 B, p. 259) e a dita ausência de culto dos coiapós (SAINT-HILAIRE, 1975 A, p.70), por exemplo, indicavam a sua moralidade precária. Os índios pareciam ainda possuir uma corrupção latente, como o “macunis [que] conservaram grande propensão para o roubo” (SAINT-HILAIRE, 1975 B, p. 212). Devemos, por fim, observar também o enfoque do autor sobre a questão religiosa, pois uma das mais pesadas críticas de Saint-Hilaire em relação à moral indígena refere-se à precariedade de suas religiões tradicionais. Os botocudos, por exemplo, “parecem ter uma ideia vaga da imortalidade; mas são, provavelmente, estranhos à de um ser supremo”, pois cultuam o Sol. Assim, esses índios “preocupando-se unicamente com suas necessidades físicas, não se ocupam da Divindade” (SAINT-HILAIRE, 1975 B, p. 253).

Em virtude dessa carência moral e produtiva, Saint-Hilaire parece duvidar que os indígenas possam assimilar perfeitamente a civilização. Ele defende que o selvagem americano poderá, no máximo, desfrutar de algumas das vantagens das sociedades europeias, caso sua selvageria diminua. Em nota de rodapé o autor afirma que “os indígenas americanos [...] não são suscetíveis dessa elevada civilização a que a raça caucasiana pode atingir” (SAINT-HILAIRE, 1975 B, p. 257).

Mas apesar de lançar dúvidas quanto à completa civilização do selvagem, o viajante avalia as alternativas de sucesso das experiências de integração com as quais teve contato, direto ou indireto. Os coiapós da aldeia de São José em Goiás, por exemplo, “aprenderam com os portugueses a construir casas, cultivar a terra, fiar o algodão, etc., mas os que vivem ainda nas matas só sabem fabricar arcos e flechas, e um tipo de cesto” (SAINT-HILAIRE, 1975 A, p. 70). É nítida a ideia de

que a convivência com o branco pode civilizar o índio, enquanto a vida selvagem o priva dessa evolução. Partindo dessa premissa e de uma filantropia ilustrada, Saint-Hilaire irá sistematizar um projeto civilizador, primeiramente baseado no trabalho regular e no aperfeiçoamento moral e, pouco depois, na miscigenação.

3.3. TRANSCULTURAÇÃO, A ASSIMILAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DOS COLONOS

Entretanto, no meio deste processo, Saint-Hilaire se apropria das imagens, ideias e pressupostos de parte da população luso-brasileira. Para compreender estas assimilações, recorreremos ao conceito de “transculturação”, expresso por Mary Louise Pratt em *Os olhos do império* (1999). O termo define relações assimétricas de poder, quando um grupo detém a possibilidade de impor ao outro elementos de sua própria cultura. Cada grupo seleciona e reinventa os elementos absorvidos nesses processos de troca e dominação. Sendo assim, tanto o viajante europeu quanto o indígena experimentaram a transculturação. Pratt exemplifica isso na análise das obras do também viajante e naturalista alemão Alexander Von Humboldt, que visitou várias partes da América espanhola na passagem do século XVIII para o XIX. Suas obras demonstram que o conhecimento presente no relato de viagem “advém não apenas da sensibilidade e dos poderes de observação do viajante, mas também da interação e experiência usualmente dirigida e gerenciada por ‘viajados’” (PRATT, 1999, p. 233-234)¹.

Como já sublinhado, as observações de Saint-Hilaire oscilam bastante. Nos seus relatos, podemos notar que ele recorre a representações elaboradas pelos colonos luso-brasileiros para classificar os indígenas como mais ou menos civilizados². Essas representações o ajudam a detectar quais indígenas podem mais se aproximar do padrão civilizatório almejado, pensando-os em uma espécie de linha evolutiva civilizatória. Isso implica dizer que o projeto civilizador de Saint-Hilaire é seletivo. O autor sabia da existência de ameríndios hostis ao homem branco, como no caso dos botocudos das regiões mineira e capixaba do Rio Doce. Considerando que Saint-Hilaire tinha dúvidas quanto à efetiva civilização indígena (o que trataremos a seguir), alguns grupos lhe pareciam ameaçados de extinção. Em referência a isso, podemos citar sua expectativa quanto a Alto dos Bois, local que só poderia “comunicar-se com o mar” a partir da “civilização ou **extinção** dos Botocudos” (SAINT-HILAIRE, 1974 A, p. 217) (grifo meu). A opção estava dada.

¹ O termo viajado é um neologismo que a autora lança mão para sublinhar o caráter interativo destes encontros. Temos, assim, um viajante e um viajado.

² A denominação de grupos indígenas como “civilizados”, “semicivilizados” ou “selvagens” era muito comum no período. Como aponta Maria Regina Celestino de Almeida, no artigo *Índios mestiços e selvagens civilizados de Debret* (2009), essa era uma dificuldade frequentemente enfrentada pelos viajantes do período.

Em reflexões como esta vemos como Saint-Hilaire se apropria da discriminação luso-brasileira entre os “índios mansos” (aldeados e aliados) e os “bravos” (inimigos). Essa distinção foi elaborada pelos colonos e era importante, pois autorizava a escravidão ou a “guerra justa” contra aqueles que não assimilassem os padrões de vida europeus ou fossem contra seu avanço (PERRONE-MOISÉS IN: CUNHA, 1992, p. 126). Não raras vezes Saint-Hilaire reproduz essa representação dicotômica dos nativos americanos. Nela, os colonos apresentavam os índios que resistiam à presença europeia como uma barreira contra o desenvolvimento e, portanto, como passíveis de extinção. O viajante incorpora não só a dicotomia proposta pelos luso-brasileiros, mas também o diagnóstico de que os índios “bravos” poderiam ser eliminados para o bem do progresso. A conivência de Saint-Hilaire para com a extinção dos índios “bravos” era tanta que, quando fala sobre o conflito de Vila de Valença, o autor chega a afirmar que a extinção dos índios “bravos” gerou a “circunstância para civilizar os índios (mansos)” que ali permaneceram (SAINT-HILAIRE, 2004, p. 35-36).

São várias as passagens em que Saint-Hilaire declara ter escutado e assimilado as representações e opiniões dos informantes luso-brasileiros. Apesar de crer “aconselhável não aceitar plenamente [...] narrativas de homens incultos” e, inicialmente, referir-se aos índios selvagens como “inimigos **ditos** antropófagos” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, p. 19), frequentemente o viajante aceita as versões dos colonos mais instruídos sem submetê-las ao crivo da dúvida. Após escutar versões que lhe foram narradas, como o devoramento “de um negrinho de 10 a 12 anos de idade” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, p. 20), Saint-Hilaire parece crer na hipótese da antropofagia. Escreve ele que “o comandante de Alto dos Bois **confirmou-me** o [...] gosto desses selvagens pela carne de seus semelhantes” (SAINT-HILAIRE, 1974 A, p. 217). E em relação à violência dos botocudos, fia-se na opinião de um de seus hospedeiros: “**disse-me** o anfitrião, [...] [que] só gostam de guerra” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, p. 40) (grifos são meus.) etc.

Vemos que as informações presentes no relato são produto não apenas do olhar de Saint-Hilaire, mas também da assimilação de narrativas e opiniões dos “viajados”. Quanto às informações sobre “índios selvagens”, o francês transporta para seu texto muito desse “assunto inesgotável de conversação” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 112) com os luso-brasileiros. Considerando que ele aceita várias representações destes últimos, ele reproduz na Europa produtos culturais, até então, estritamente coloniais, permeados pelos interesses da elite luso-brasileira. Além disso, ao endossar tais representações, ele acaba por transformar o tradicional inimigo da colonização portuguesa em um inimigo do próprio progresso, pois nelas o indígena freava o avanço civilizacional pretendido, como no caso em que a presença dos botocudos impediu que um soldado se apoderasse de “grandes riquezas no *termo* de Minas Novas” (SAINT-HILAIRE, 1975 B, p. 265). Ou seja, a partir das observações de Pratt, é possível afirmar que tanto Humboldt quanto Saint-Hilaire transculturaram

“para a Europa conhecimentos [e narrativas] originalmente americanos, produzindo conhecimentos europeus infiltrados por conhecimentos não europeus” (PRATT, 1999, p. 233-234). No nosso caso, Saint-Hilaire transculturou para a Europa as representações dos colonos americanos a respeito dos índios “bravos”.

Mas, se era claro para o autor que a presença do europeu poderia dizimar vários nativos, Saint-Hilaire também acreditava que ela seria capaz de aproximá-los da civilização, em alguns casos. Assim, o francês é menos pessimista em relação aos índios denominados “mansos”, para os quais dedica a sua filantropia, esboçando o projeto civilizador que veremos a seguir.

3.4.A CONSTRUÇÃO DO PROJETO CIVILIZADOR E O PROBLEMA DA TUTORIA

Apesar de partir de um ponto de vista europeu, Saint-Hilaire teve ciência das contradições da colonização, visto que, segundo sua própria análise, a expansão europeia poderia ter resultados positivos e negativos. Nosso viajante afirma que “há mais de um século, os filósofos de todos os países têm feito sentir a injustiça e a vaidade das conquistas”, mas mesmo assim ele afirma seu projeto quando solicita que os povos “não procurem mais a glória senão na civilização, na paz e nas artes” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, p. 41). Exatamente por isto, “ergue” a sua “débil voz em favor” dos índios (SAINT-HILAIRE, 1975 B, p. 277) e busca maneiras de protegê-los dos absurdos da colonização.

O plano civilizador de Saint-Hilaire procura na experiência a sua justificativa. O “sistema [jesuítico] de afastar os portugueses dos índios” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, p. 41) foi um ótimo exemplo para o naturalista. A persuasão jesuíta é um dos principais pontos a se valorizar em comparação à truculência de outros colonos, pois os missionários da Companhia de Jesus “não temiam reprovar aos portugueses sua tremenda tirania e levavam aos índios, ao mesmo tempo, palavras de amor, paz e liberdade”. Além disso, “graças a seus cuidados e, sobretudo, ao heroico Anchieta, os indígenas se converteram ao Cristianismo e, reunidos em aldeamentos, conheceram os benefícios da civilização” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, p. 8).

Inspirado na ação da Companhia de Jesus, Saint-Hilaire tende a defender a civilização dos índios por meio de seu afastamento dos colonos. Mas o isolamento deveria ser acompanhado de uma tutela benéfica, que introduzisse novos padrões morais e o trabalho regular entre os tutelados. Essa constatação ganha força quando o autor atribui a decadência de várias vilas e aldeamentos indígenas à ausência dos tutores jesuítas, expulsos da América portuguesa. Eles, por conhecerem “a inconstância e a preguiça dos índios”, submeteram-nos “a uma austera disciplina; para que fossem verdadeiramente felizes”, e não os deixaram sem punição por seu ócio (SAINT-HILAIRE, 1974 B, p. 69). A expulsão da Companhia de Jesus do Brasil em 1759, no entanto, resultou no abandono dos

índios “à [sua] própria índole”, ou seja, culminou no fim da regularidade do trabalho indígena e, pior, desembocou na sua exploração excessiva, em decorrência da “mão de ferro dos governadores” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, p. 69).

Para Saint-Hilaire, aqueles que concorressem ao posto de tutor deveriam ser homens “íntegros e vigilantes, que, animados por sentimentos cristãos, estejam continuamente preocupados com a felicidade desses infortunados” (SAINT-HILAIRE, 1974 A, p. 215). Ou seja, o tutor deveria ser necessariamente desinteressado e pacífico, um verdadeiro filantropo que, preocupado com a “humanidade”, trabalharia para a felicidade dos índios e introduziria entre eles valores e práticas civilizados. Esses filantropos não deveriam trabalhar em benefício próprio, “mas em nome do progresso da ciência, do bem-estar da humanidade e da glória da nação” (KURY, 2004, p. 5)³.

Realço que filantropia aqui é entendida como a perspectiva daqueles homens letrados em promover o desenvolvimento da “humanidade”, concebida maior que a família, a cidade ou o país do filantropo. A filantropia está intimamente ligada à ideia de empatia, à consideração que um indivíduo pode ter pelo “outro” (desde que este aceite se integrar à cultura do filantropo). Segundo Lorelai Kury:

Filantropia é na língua francesa um neologismo do século XVIII para designar uma virtude que [os ilustrados] consideravam natural do ser humano, que é o amor por seu próximo. A filantropia é uma laicização do sentimento da caridade. Quanto à caridade, trata-se do amor por Deus que leva ao ato de fazer bem aos outros; já a filantropia diz respeito à “humanidade”. Nesta última, as ações dos indivíduos em favor da sociedade são consideradas como um sentimento natural, pois a felicidade pessoal só pode ser assegurada quando reina a prosperidade social (KURY, 2004, p. 2).

O conceito de filantropo pode caracterizar um personagem muito estimado por Saint-Hilaire: seu compatriota Guido Tomás Marlière, Diretor-Geral da Civilização dos Índios na região do Rio Doce durante o período de 1818-1824. Designado para a missão de pacificação dos índios coroados, coropós e puris, em 1813, Marlière comandou um destacamento militar na região do Rio Doce e durante algum tempo cessou as hostilidades entre botocudos⁴ e portugueses (SILVA, 2010, p. 366). Entretanto, durante o período em questão, sabe-se que os destacamentos militares promoviam a “paz” por meio da “guerra justa”. Por isso, na impossibilidade de assimilar os índios, Marlière estava autorizado a exterminá-los para dar passagem ao progresso.

³ A passagem diz respeito aos filantropos viajantes, mas também é válida para os filantropos tutores, como no caso de Marlière, tratado em seguida.

⁴ O termo “botocudo” é uma denominação genérica dada aos índios coroados, coropós e puris da Região do Rio Doce pelos portugueses, fazendo referência aos adereços parecidos com botoques que estes usavam nos lábios e nas orelhas (SILVA, 2010, p. 361).

Apesar de conhecer a função e os procedimentos dos destacamentos, Saint-Hilaire vê em Marlière um filantropo e saúda seus métodos de pacificação. Ao que tudo indica isso ocorre porque, segundo Thiago Henrique Mota Silva, a ação de Guido Marlière para com os índios ocorreu no “sentido de garantir-lhes a posse da terra e promover aproximação pacífica”, buscando a “civilização e integração dos indígenas à sociedade de forma organizada” (SILVA, 2010, p. 373-374). Sendo assim, os quartéis geridos por Marlière, inicialmente voltados para “guerra Justa”, declarada por D. João VI em 1808, podem ter servido para apaziguar e não exterminar os índios (SILVA, 2010, p. 371).

Segundo Saint-Hilaire, “a filantropia de Marlière venceu todos os obstáculos”. O trabalho do homem que “consagrou sua existência inteira à felicidade dos indígenas” foi exemplar ao ponto de ser convidado a expor ao Ministério e ao Governo Provincial de Minas Gerais “suas ideias sobre as medidas que se deveria tomar a fim de consolidar seus trabalhos e apressar a felicidade dos indígenas” – ou seja, apressar sua civilização. Entre outras decisões, Marlière substituiu os “velhos *amansadores de índios*– são essas suas expressões – [...] por homens menos bárbaros” e moldou a conduta dos mesmos a fim de agradar aos nativos (SAINT-HILAIRE, 1974 B, nota nº 21, p. 95).

Além disso, Marlière propôs ao governo de Minas Gerais um modelo de civilização indígena muito parecido com o de Saint-Hilaire, defendendo o relativo isolamento e a instrução moral dos nativos. Entre outras ideias a respeito da civilização ameríndia, ele sugeriu que se afastasse os indígenas dos “desertores e vadios” e que se proibisse os “comandantes dos distritos mandar índios longe de sua região” para trabalhar “nas grandes estradas”. Segundo o viajante, seu compatriota também endossou a ideia de “chamar para ministrar instrução moral e religiosa aos botocudos alguns padres estrangeiros”. “Amor e lealdade para com eles, meus amigos, exclamava Marlière, e teremos homens!” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, p. 96) – o que significa dizer que os índios não eram exatamente “homens”, ou seja, ainda não participavam de forma completa da “humanidade”.

As passagens destacadas ressaltam a vocação filantrópica de Saint-Hilaire. No caso, a filantropia do viajante está ligada à capacidade do viajante europeu em conceber o indígena como um potencial membro da “humanidade”, pensando na sua civilização. Saint-Hilaire via a si mesmo e aos homens que elogiava – com quem se identificava – como filantropos. E em carta destinada ao viajante após o seu retorno para a França, Marlière propõem uma formulação textual que elucida o sentido da filantropia. Declara que ele e “seus” índios sabiam ter “noutro hemisfério [...] um amigo que pleiteia sua causa no tribunal da humanidade” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, nota nº 21, p. 96). Aqui, a palavra “amigo” significa não apenas um indivíduo que manifesta afeição por alguém, mas sim aquele que reconhece a dignidade humana dos outros e a defende diante da comunidade global dos homens. O filantropo seria, assim, o advogado de seus semelhantes – desde que fossem realmente semelhantes a ele – perante o tribunal da “humanidade”.

Relembremos uma passagem em que podemos vislumbrar a representação do bom tutor. Ao passar pela região do Jequitinhonha, em Minas Gerais, Saint-Hilaire sonha com a prosperidade da região. No sonho, ele se vê “possuidor de algumas léguas de terra” na área. Seu relato projeta uma utopia na qual ele se transforma em tutor dos índios. Para civilizá-los, ele os acostuma às atividades produtivas e oferece exemplos de moral, sendo muito claro ao dispor às etapas desse processo:

Começo por atraí-los aos arredores de minha habitação por pequenos presentes. Ficarão certos de receber víveres todas as vezes que prestarem o menor dos serviços. Habituo-os pouco a pouco ao trabalho; compreendem, em breve, a vantagem de cultivar a terra; fixam-se perto de minha habitação, tornam-se vizinhos prestimosos, e, completo-lhes a civilização tornando-os cristãos. Esses Botocudos, não há muito antropófagos, vem à minha capela orar por seus inimigos, e a sua filha conhece, enfim, o pudor. (SAINT-HILAIRE, 1975 B, p. 257).

Nota-se a minúcia e o “etapismo” do autor em relação aos passos para alcançar a civilização indígena. Primeiro sedentariza-se os selvagens ao passo em que são habituados ao trabalho. Para completar a civilização dos agora vizinhos e trabalhadores, busca a cristianização, que se bem executada, transforma-os em homens completos: industrialmente ativos e moralmente educados, ou seja, civilizados. É interessante notar que a civilização em Saint-Hilaire só se efetiva plenamente com o cristianismo, o que afasta sua filantropia de qualquer laicidade. Assim, não bastaria ao indígena possuir uma rotina de trabalho diário, era necessário também que ele controlasse suas paixões por meio da experiência religiosa. O “pudor” da filha do índio simboliza o ponto máximo da civilização: o autocontrole – estágio em que o homem é senhor de si mesmo.

Podemos observar também, como já foi dito acima, a questão da transculturação. Mesmo colocando em dúvida a veracidade dos testemunhos que ouve, Saint-Hilaire acaba por incorporá-los à sua narrativa quando se refere aos botocudos como “não há muito antropófagos”. Nosso autor, em nenhum momento de sua viagem pôde confirmar empiricamente a antropofagia indígena. No entanto, transcultura para a Europa a representação do índio antropófago ao incluí-la no relato de seu sonho.

Entretanto, para a execução de seu projeto e dos “planos do bom Marlière seriam necessários homens que se lhe assemelhassem. [Mas] onde os encontrar?” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, p. 96). Esses personagens eram raríssimos não só no Brasil, mas também no restante do mundo. Na ausência dos filantropos, Saint-Hilaire viu-se obrigado a buscar outros caminhos para a salvação dos índios. Desta maneira, podemos aferir que o principal produto do pensamento filantrópico de Saint-Hilaire, o seu projeto civilizador, teria de se realizar por meio de uma diversidade de estratégias.

3.5. A TRANSFORMAÇÃO DO PROJETO CIVILIZADOR: DA TUTORIA ILUSTRADA À MISCIGENAÇÃO

Homens cientes de que “não há felicidade individual sem felicidade coletiva” (HAZARD, 1989, p. 159) eram raros. Mas a expectativa do autor em relação à civilização dos índios vacila não só em virtude da ausência de bons tutores no Brasil. Para Saint-Hilaire, este era realmente um projeto difícil porque “mesmo civilizados, os índios, ou muitos deles, conservaram, com seu caráter, muitos dos antigos hábitos” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, p. 87). O viajante está seguro da debilidade e “inferioridade” dos indígenas e da possibilidade de seu aniquilamento, como salienta na passagem a seguir, quando retrata os índios coiapós de Goiás:

Os Coiapós possuem, pois, como todos os outros indígenas, poucas das qualidades necessárias para que possam se entrosar em nossa civilização, totalmente voltada para o futuro. Seria preciso que ficassem sob a tutela permanente de pessoas benfazejas, como as que fizeram florescer as aldeias do litoral e as reduções do Paraguai. (SAINT-HILAIRE, 1975 A, p. 69)

Saint-Hilaire não conjectura uma rápida incorporação dos indígenas à civilização. Mesmo assim, o autor chama a atenção para a importância do cuidado para com os indígenas, não só para conservá-los, mas principalmente para promover o desenvolvimento do Brasil. Por outro lado, a dúvida quanto ao progresso dos índios parece comportar um viés racial. O que por vezes é apresentado como um problema decorrente da falta da referida “tutela permanente”, em algumas passagens é exposto como a impossibilidade de uma raça que possui “poucas das qualidades necessárias [...] [de] se entrosar em nossa civilização, totalmente voltada para o futuro” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 69).

Sobre “os índios do Brasil”, Saint-Hilaire diz, citando um texto de José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, serem “muito hábeis para tudo que é imitação ou manufatura”, mas que “para o trabalho contínuo de lavrar a terra, parecem ter [...] uma repugnância invencível” (CUNHA, *apud* SAINT-HILAIRE, 1974 B, nota nº 26, p. 70). O francês confirma a veracidade da afirmação porque esses imprevidentes “não têm a paciência de esperar, querem logo colher o fruto do trabalho do dia e por isso a pesca e a marinhagem” seriam para eles de melhor proveito. Todavia, logo após, em tom crítico, Saint-Hilaire debocha da estratégia de Coutinho de fazer dos índios “homens semelhantes a nós” por meio da atividade pesqueira:

Vendo nossas redes, diz ele, os indígenas quererão obtê-las. Para fazer a divisão de uma pescaria abundante, tornar-se-ão matemáticos; seu comércio de pesca, tomando extensão,

os obrigará a aprender a leitura e a escrita; dentre estes homens civilizados pela pesca surgirão marinheiros e pilotos hábeis; depois, operários para a marinha e negociantes, em uma palavra cidadãos úteis [...]. Os pobres índios viram nossas redes; elas lhes foram inúteis; e eles continuam indígenas (SAINT-HILAIRE, 1974 B, nota nº 26, p. 70).

Note que a crença no potencial civilizador do trabalho é aqui matizada. Logo, o projeto de civilizar o índio pelo trabalho apresenta-se falho. Lança-se uma questão: se a agricultura não era bem quista pelos índios do Brasil e o trabalho marítimo, bem aceito entre eles, não poderia os civilizar, o que poderia? Vejamos a resposta: “imaginar-se-á, sem dúvida, que, depois de haver traçado este quadro, o autor reconheça, como eu, que os índios eram incapazes de alcançar esse alto grau de civilização de que é suscetível a raça caucásica” (SAINT-HILAIRE, 1974 B, nota nº 26, p. 70).

Saint-Hilaire, então, propõe uma segunda alternativa para evitar o apocalíptico futuro indígena: a miscigenação com os negros. Segundo o autor, a solução produziria uma nova raça “dotada de melhores qualidades do que a raça americana propriamente dita, mais capaz do que esta de resistir à superioridade dos brancos e mais de acordo com o nosso estado de civilização”. Essa nova raça “se iria amalgamando com a população atual” (SAINT-HILAIRE, 1975 A, p. 136) e ajudaria o Brasil a colonizar os vastos sertões ainda abandonados.

Além disso, essa “raça” seria mais inteligente. Segundo o francês, os índios mestiços teriam “mais senso e mais capacidade de raciocínio do que os índios puros em geral” (SAINT-HILAIRE, 1975 A, p. 129). Portanto, seriam potencialmente mais adaptáveis ao seu projeto civilizador e, talvez, mais industriais e capazes de projetar o futuro da nação brasileira. Vale ressaltar que, principalmente em relação às Minas Gerais (onde o ciclo do ouro apresentava seus últimos sinais de vida), a economia brasileira vivia um momento de transição. Por isso a preocupação de Saint-Hilaire com a participação dos indígenas na produção agrícola brasileira, um possível modelo substitutivo à extração mineral primitiva.

A alternativa da miscigenação era uma estratégia para conservar o indígena transformando-o. A defesa da “causa” indígena passava, como vimos, por mudanças supostamente benéficas em sua “raça”. Por outro lado, o filantropo, apesar de seu interesse pela “humanidade”, não aceitava o “outro” em sua alteridade, ou seja, tornar os índios “humanos” significava fazer com que deixassem de ser o que eram: grupos nativos americanos, diferentes dos europeus e distintos entre eles. Sendo assim, a filantropia funcionava como um meio para transformar o “outro” no “eu”, ou o mais próximo possível disso. Como a civilização do indígena é duvidosa para Saint-Hilaire, tanto pela ausência de bons tutores quanto pela debilidade indígena, o autor propõe que essa transformação se realize pela miscigenação de “raças”, uma solução mais biológica que cultural.

4. CONCLUSÕES

O estudo das representações indígenas nas obras de Saint-Hilaire constata a sedimentação de várias concepções europeias sobre o selvagem americano no pensamento do autor, tais como: representações do índio indolente, inativo, moralmente atrasado e incapaz de controlar suas paixões. Entretanto, algo menos explorado pela historiografia surge em sua narrativa: seu projeto civilizador e sua ação filantrópica, que dialogam profundamente com a visão europeia de “humanidade”.

Ainda nos falta muito para compreender a construção teórica da “humanidade” do fim do século XVIII e início do século XIX, o que poderá e deverá ser objeto de estudos futuros. Sabemos, entretanto, que a “humanidade” setecentista e oitocentista foi permeada pelo discurso filantrópico ilustrado. Tal discurso, baseado em princípios racionais, pensava a “humanidade” como o conjunto humano industrialmente ativo e moralmente educado, e projetava a incorporação de outros povos neste modelo, o que também perpassa as obras de Saint-Hilaire. Concluimos, assim, ser impossível compreender as representações indígenas formuladas no período sem estabelecer pontes explicativas com questões mais amplas, como a concepção de “humanidade” vigente no início do século XIX. Essas narrativas sobre os ameríndios fortalecem o conceito de *representação*, de Roger Chartier, demonstrando como as formas de apresentar e representar algo relacionam-se com práticas e estratégias sociais. Como Chartier, penso que “não existe história possível se não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação” (CHARTIER, 2011, p. 16). Aqui, as representações do selvagem americano de Saint-Hilaire estão em profundo diálogo com a razão ilustrada, que se manifestaria na vida humana de forma prática basicamente em dois passos: na transformação racional da natureza por meio do trabalho e no controle dos vícios e das paixões por meio da moral.

Saint-Hilaire projeta, então, o uso do trabalho regular e da religião, respectivamente, como estratégias para civilizar dos índios. Estas estratégias deveriam ser implementadas sob a tutela de um bom filantropo que resguardasse os índios dos interesses dos colonos. Entretanto, ao verificar o quanto era difícil civilizar os índios por meio deste projeto, tendo em vista a ausência de tutores adequados e a debilidade indígena, o autor recorre à miscigenação como alternativa de resposta ao problema da civilização americana. Em relação à tutoria e à miscigenação, outras questões surgiram ao longo desta pesquisa. As práticas pedagógicas de início do século XIX e a importância da educação são questões que parecem ter ligação com o ideal de bom tutor de Saint-Hilaire poderão ser consideradas no prosseguimento desta pesquisa. Outro ponto que merece mais aprofundamento é o projeto de uma sociedade miscigenada nas Américas. Seria uma ideia do viajante ou mais uma transculturação? Apenas avançando na pesquisa poderemos responder essas perguntas.

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente, agradeço à Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) pelo financiamento deste trabalho, o que me possibilitou uma dedicação exclusiva a ele e foi de fundamental importância para meu amadurecimento como pesquisador. Gostaria de agradecer também ao meu professor e orientador Luiz Francisco de Miranda pela confiança, empenho, pela dedicada e atenciosa orientação, sem a qual seria impossível a realização deste trabalho. Agradeço também aos meus amigos da república “QueroZZene” e aos meus amigos de turma por toda a experiência acumulada. Por fim, agradeço principalmente à minha mãe, Sílvia, por me fornecer todos os meios necessários para a realização da minha graduação e, por conseguinte, desta pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Índios mestiços e selvagens civilizados de Debret reflexões sobre relações interétnicas e mestiçagens. *Varia historia* [online], 2009, vol.25, n.41, pp. 85-106. ISSN 0104-8775. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0104-87752009000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>, acesso em 10/03/2015.

CHARTIER, Roger. Defesa e Ilustração da Noção de Representação. *Fronteiras*, Dourados, Mato Grosso do Sul, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

HAZARD, Paul. O Pensamento Europeu no Século XVIII. 3ª ed. Lisboa: Presença, 1989.

KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. *Revista Intellèctus* [em línea]. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2004.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*; tradução revista e prefácio de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974 A.

_____. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*; tradução de Regina Regis Junqueira; prefácio de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, (Reconquista do Brasil, v. 235), 2004.

_____. *Viagem à província de Goiás*; tradução de Regina Regis Junqueira; apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975 A.

_____. *Viagem à província de São Paulo*; tradução de Regina Regis Junqueira; apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

_____. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*; tradução de Milton Amado; apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974 B.

_____. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*; tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975 B.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios Livres e Índios Escravos. Os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI e XVIII). In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PRATT, Marie Lousie. *Os olhos do império*. Bauru: Edusc, 1999.

SILVA, Thiago Henrique Mota. Guido Thomaz Marlière e os índios Botocudo nos sertões do Leste (1818-1824). *Revista de C. Humanas*, Vol. 10, Nº 2, p. 361-375, jul./dez. 2010.